

Feminicídio e sindicalismo calado**Fabrizio Fävasch Rodriguez**

[Sindicalista e ativista social. Observatório do trabalho latino-americano]

Violência contra a mulher é uma vergonha para qualquer nação, mas a vergonha maior recai sobre os homens que se calam. Os homens de qualquer nação que se calam diante da onda cada vez mais crescente do feminicídio tornam essa nação, qualquer que seja, uma nação de homens covardes. Mulheres assassinadas por homens são mulheres trabalhadoras. Homens assassinos de mulheres trabalhadoras são homens trabalhadores. Ainda que umas e outros estejam sem trabalho, por qualquer razão, nas nações injustas em que a acumulação de capital supera a acumulação de direitos humanos, o trabalho é a trilha sonora da chacina feminina. Em uma nação, cujo trabalho, ele mesmo é assassino, matar a mulher é matar a essência do trabalho que a mulher inaugura desde sempre. O trabalho de ostentar a gravidez com doçura, o trabalho de amamentar os filhos com ternura, o trabalho de criar as crias com bravura (80% das crianças, no Brasil, têm como primeira responsável a mãe), o trabalho de trabalhar para ganhar o sustento, em dupla, tripla e, sabe-se lá, quantas jornadas, é o trabalho presente sempre em qualquer mulher assassinada por: **HOMENS**. Deveria ser assim: *homens*.

Pois é de causar muito estranhamento, o fato de o sindicalismo, em geral, no caso brasileiro e latino-americano, calar-se diante da violência contra a mulher, cujo ápice da covardia é o feminicídio. Dirão, muitos, que isso não é pauta para a luta sindical. Mas é. A luta sindical é a luta por direitos humanos, ainda que seja no trabalho, mas todos sabem que a luta sindical ultrapassa as fronteiras do mundo do trabalho. É a luta pelo reconhecimento de que homens e mulheres, trabalhadores, ainda que demitidos, desempregados, aposentados, são seres humanos e que, portanto, têm direitos humanos. A bem documentada preponderância quantitativa de homens sobre mulheres, nas direções dos sindicatos em geral, faz pensar que aos sindicatos não é confortável essa discussão. Afinal, a agenda sindical já é extenuante, conflitiva e inglória. Lutar contra um capital que é perverso em sua essência, pois ao lucro é garantido tudo e à vida nada, é nadar contra uma corrente que é corrente mesmo, no sentido de acorrentar. Acorrentar aspirações de ver que o trabalho traz prosperidade para muitos poucos e miséria e sofrimento para muitos muitos. Por isso, inserir na luta sindical a luta pela emancipação da mulher e, por ela, defender o respeito merecido é uma questão de honra.

O que ocorre? É hora de fazer perguntas. Dirigentes sindicais homens viram suas mães espancadas?

Ou as viram sofrer violências de outras ordens (sexuais, verbais, simbólicas, econômicas)?

Suas irmãs? Suas primas? Suas cunhadas?

Suas vizinhas? Suas amigas? Suas colegas de trabalho?

Se, como homens, testemunhas, viram e se calam frente a essas violências, como dirigentes sindicais porque fariam? Suas mulheres e suas filhas como estão sendo tratadas nos lugares em que vivem e frequentam? A dominação histórica do homem sobre a mulher, consolidada e legitimada, principalmente, nas expressões sombrias machismo e patriarcalismo, tem como uma de suas principais razões o fato de serem majoritariamente os homens os que propuseram, fizeram e executaram, no percurso da humanidade, a guerra. A maldição da guerra torna o mundo incapaz de que homens promovam a paz. O respeito às mulheres é um dos primeiros sinais de uma sociedade que cultiva a cultura da paz. E que as vozes das mulheres possam ser ouvidas para que tenham a oportunidade de fazer o que os homens ainda não sabem fazer.

Para isso, considerando que os sindicatos ainda sejam uma das expressões mais combativas da luta por direitos humanos, seu posicionamento frente ao feminicídio e à violência contra a mulher deixa de ser uma questão só de honra, para ser uma questão de defesa de direitos, como é a defesa de direitos no trabalho.

O sindicato que não se posiciona firmemente, frente ao extermínio bestial de mulheres, é um sindicato de homens no mínimo indiferentes, ainda que não sejam homens machistas violentos.

Mas, então, que se manifeste a instituição sindical.

Se não, o fato é que não se sabe bem sabido se são ou não são contra essa violência covarde, porque o assunto é tema fora da pauta.

A guerra principal que deve ser continuada pela agenda sindical é contra o capital e sua intransigente e incorrigível ganância, tudo bem, sabemos.

Mas, quanto a essa chacina cotidiana contra as mulheres, todo homem sindicalista deveria usar na lapela um *botton*:

ESTE SINDICATO RESPEITA MULHERES.

VIOLÊNCIA CONTRA ELAS É

VIOLÊNCIA CONTRA NÓS.

Para as mulheres apenas respeito e paz. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.